

DA CASA DE FAMÍLIA AO ESPAÇO GOURMET: REFLEXÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DOS MODOS DE MORAR EM NATAL / RN.

*Françoise Dominique Valéry**

Resumo: O espaço residencial é um espaço dinâmico. No Brasil contemporâneo, mudanças culturais e sociais, particularmente aceleradas nas capitais do Nordeste, tornaram relevante a análise da configuração espacial das novas moradias ofertadas pelo mercado imobiliário. O presente trabalho traz os resultados da pesquisa realizada sobre “Estilos de vida e modos de morar na contemporaneidade em Natal (RN)”. A descrição das transformações e a análise sócio-espacial foram feitas com base em revisão bibliográfica, coleta documental de folhetos em imobiliárias e recortes de jornais locais e pesquisa de campo com visitas a exemplares de residências, que foram fotografadas. São visíveis as mudanças na configuração do espaço de morar: diminuição dos espaços interiores e super valorização dos espaços exteriores, desaparecimento da cozinha e do quarto de empregada, uso constante de apetrechos tecnológicos, fusão dos ambientes, redefinição de cômodos como espaços de trabalho e estudo, além do surgimento do espaço gourmet, que são as tendências entre os projetos arquitetônicos. Ao longo desse processo, a casa perde um pouco de seu sentido de comunhão familiar, consoante com as modificações na família e relações sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Estilos de vida. Modos de morar. Família contemporânea. Configuração espacial. Espaço gourmet. Natal.

New life styles and ways of living in Natal- RN

Abstract: The residential space is a very dynamic space. In current Brazil, cultural and social changes, particularly speeded up in Northeast’s main cities, have made relevant the new housing’s spatial configuration analysis, resulting from the real estate market’s production. This paper presents the results of an academic research about “News life styles and ways of living in Natal”. The social-space description and the analysis were made according to bibliographical state of arts, gathering of documental folders in real estate private agencies and local newspapers cuts, as well as field researches with visits to residential exemplars, which have been photographed. The changes in the living space configurations are apparent: the decrease of the insides spaces and super valorization of the outside spaces, the disappearance of the complete kitchen and the employee’s areas, the constant use of technological devices, the fusion of many social spaces, currently uses of rooms as working and studying places as well as the appearance of special tasting place, are the architectural project’s new tendencies. In

¹ Françoise Dominique Valéry, antropóloga e urbanista, doutora em Planejamento Urbano, Pós-doutora em Arquitetura e professora do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Departamento de Arquitetura da UFRN. Desde fevereiro de 2007, coordena a pesquisa “Estilos de vida e modos de morar na contemporaneidade”, no quadro do Grupo de Pesquisa “Gênero, Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento” (CNPq).

the course of this transformation, the home loses a little of its sense of family communion space, in accordance with the family's modifications and the current social relations.

Keywords: Life style. Ways of living. Contemporary family. Spatial configuration. Special eating place. Natal.

INTRODUÇÃO

O espaço residencial é um espaço dinâmico, em constante transformação, que passa por mudanças físicas, morfológicas, culturais e sociais notáveis, tendo em vista a recente evolução habitacional e urbana das capitais do Nordeste. Transformações no estilo de vida dos moradores urbanos e nos modos de morar, que foram descritas em metrópoles brasileiras (KATZMAN; RIBEIRO, 2008) e estrangeiras (JACOBS, 2009) durante a segunda metade do século XX, acabam repercutindo no Brasil, com certa decalagem temporal e espacial. Esse processo global de (re)produção do espaço habitacional e urbano reveste-se de feições particularmente interessantes em Natal.¹ A cidade conheceu, nos anos 90 do século passado, um processo de verticalização acelerado e nos últimos anos um *boom* imobiliário espetacular, no sentido em que está alterando o cenário paisagístico da cidade, desfigurando-a significativamente.

As tradicionais formas de moradia em residências unifamiliares (casas térreas e sobrados) e em conjuntos habitacionais horizontais estão desaparecendo da paisagem urbana a um ritmo alucinante, trocadas por prédios de apartamentos e condomínios residenciais principalmente verticais. Vendidas a empresas construtoras e incorporadoras, as antigas casas de família (construídas em grandes lotes e cercadas de jardins) que outrora encantavam os visitantes ilustrando o jeito de receber de seus habitantes (a famosa “hospitalidade natalense”), foram demolidas de uma hora para outra, cedendo lugar a inúmeros canteiros de obras. Em poucos meses, em seus lugares, estão sendo erguidas torres e mais torres de apartamentos, objetos de desejo e de consumo da classe alta e endinheirada e dos investidores

¹ Como maior centro urbano e capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal está hoje inserida numa ampla região metropolitana. A Região Metropolitana de Natal (RMN) ou Grande Natal, reúne dez municípios do Estado do Rio Grande do Norte formando a quarta maior aglomeração urbana do Nordeste. O núcleo urbano, formado por Natal e dois de seus municípios limítrofes (Parnamirim e São Gonçalo do Amarante) formam uma mancha urbana contínua, mas os outros municípios próximos (Ceará Mirim, Extremoz, Macaíba, Monte Alegre, Nísia Floresta, São José de Mipibu e Vera Cruz) formam um tecido urbano descontínuo, sem nenhuma conurbação entre si. Com uma população estimada em 1 350 840 habitantes (IBGE, 2010) ainda sofre do problema da falta de integração entre as cidades, que se reflete no transporte coletivo pouco abrangente e na concentração da quase totalidade dos equipamentos urbanos em Natal. Em termos de pressão imobiliária, esta se dá nos limites de Natal e Parnamirim, onde há hoje o maior número de empreendimentos condominiais horizontais e verticais, destinados a todas as classes.

estrangeiros, de volta ao mercado brasileiro após a ressaca econômica e financeira europeia e norte-americana dos últimos anos.

Com efeito, esse fenômeno nada mais é do que a face mais nova de um longo processo de globalização e de afirmação do estilo de vida urbano pós-moderno, chamado também de internacional, que expandiu seus modos de morar e produtos de consumo a todos os recantos do mundo (CASTELLS, 1999). A velocidade das transformações, particularmente surpreendente em determinados bairros onde se concentra, torna ainda mais relevante a análise da configuração espacial das novas formas de moradia ofertadas pelo mercado imobiliário, principalmente as destinadas às classes alta e média alta.

O presente trabalho objetiva trazer alguns dos resultados da ampla pesquisa realizada sobre “Estilos de vida e modos de morar na contemporaneidade em Natal (RN)”.² A descrição das transformações e a análise socioespacial das residências foram feitas com base em revisão bibliográfica sobre o tema, coleta documental de folhetos em imobiliárias e recortes de jornais locais e pesquisa de campo com visitas a exemplares de residências, que foram fotografadas.

São bastante visíveis as alterações ocorridas na atual configuração do espaço de morar, quando comparadas com exemplares de moradia do passado. Foram observadas as características dos espaços interiores e exteriores, inclusas nas propostas do “bem morar”. No interior da unidade residencial, foram analisadas as funções (estar, repouso, trabalho) bem como o tamanho e uso dos diferentes cômodos: cozinha, quarto de empregada, quartos, banheiros, salas, ambientes individualizados ou fundidos, presença de espaços de trabalho e estudo e varandas, hoje requalificadas sob a forma de “espaço gourmet”, que são as “novas” tendências entre os projetos arquitetônicos.

A análise do material documental coletado e de campo teve como objetivo demonstrar a evolução e transformação recente das residências, tanto na disposição dos cômodos como também nas funções dos ambientes, confirmando a nossa hipótese de que, ao longo desse processo, a casa perde um pouco de seu sentido de comunhão familiar, consoante as modificações na família e relações sociais contemporâneas.

Sabe-se que a casa, enquanto construção física na qual se desenvolve a vida social, é encarada pela maioria das pessoas sob ponto de vista funcional, no que tange a servir meramente de moradia e local de repouso. No entanto, além dessas funções, a casa é uma ideia muito mais ampla,

² O citado projeto está sendo desenvolvido na linha de pesquisa “Gênero e Habitação”, no Grupo de Pesquisa “Gênero, Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento” (CNPq) desde 2007. Integra pessoas formadas, doutorandos do programa de pós graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN e alunos em nível de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN.

relacionada aos aspectos sociais, econômicos, tecnológicos, culturais e simbólicos dos estilos de vida de determinada população ou fração dela. Sua relação com a configuração da família foi o norte do presente trabalho, principalmente pela coincidência entre as transformações dos modos e de morar e da família brasileira. Não se pode mais falar em modelo único de família (família nuclear tradicional, com pais e filhos) composta por um certo número de pessoas (4,5 em média, conforme dados dos anos 90) porque os dados demográficos e sociológicos atestam sua relativização. Novas configurações familiares se sedimentam: famílias chefiadas por mulheres ou monoparentais, famílias reconstituídas de diversos casamentos, casais sem filhos, famílias inter-geracionais de idosos e com idosos, famílias homoafetivas, pessoas morando só, formas de co-residência e de coabitação sem laços familiares etc. Além dos fatores de gênero, classe e idade, a origem geográfica e os padrões de consumo também influenciam os modos de morar, que passam a se enquadrar enquanto modalidades específicas de consumo, tanto no que diz respeito à escolha e compra da moradia como à aquisição de elementos decorativos e apetrechos eletrônicos, símbolos de status, bem como à introdução de novas maneiras de usar os espaços residenciais.

De acordo com o preceito citado, o estudo propôs-se a fazer uma releitura histórica da constituição do espaço doméstico, abordando de modo sintético alguns aspectos que influenciaram a configuração da casa brasileira, antes de se deter na análise de suas recentes alterações morfológicas.

RESGATE DAS NOÇÕES DE CASA E DOMESTICIDADE, À LUZ DA HISTÓRIA

Os principais fatores que influenciaram a configuração histórica da casa brasileira são por demais conhecidos (LEMOS, 1996; NOVAIS, 2001, 2002), por causa dos vários estudos já publicados sobre casa brasileira e as transformações da vida privada, no passado. No Nordeste, entre os séculos XVII e XXI, vários e sucessivos ciclos econômicos (cana de açúcar, expansão da pecuária, cultivo do algodão, extração mineral, ciclo do petróleo, expansão do turismo) influenciaram tanto os hábitos de moradia e as tradições culturais (alimentação, festas populares, cultura popular, intensa religiosidade, hospitalidade nordestina) quanto suas transformações recentes, tendo em vista o impacto dos processos de urbanização e industrialização e mais recentemente do desenvolvimento turístico. Desse modo, apesar da moradia tradicional (principalmente rural e popular) ter se mantido quase intacta até os anos 80 (VALÉRY, 1985), constata-se desde então um acelerado processo de transformação dos hábitos de moradia (VALÉRY, 1986), em função da influência econômica e cultural da globalização.

Desde os tempos coloniais, a casa brasileira foi fortemente influenciada pelos hábitos de moradia dos colonizadores europeus, que trouxeram com eles um modelo de casa europeia já profundamente sincrética. Além disso, durante a Idade Moderna, os modos de morar foram objeto de longo processo civilizatório (ELIAS, 1994), caracterizado pela emergência e consolidação das noções de individualidade, conforto, domesticidade e privacidade, e seus rebatimentos na unidade residencial.

O interesse em estudar estilos de vida e modos de morar reside tanto no seu aspecto sociológico quanto nas qualidades arquitetônicas decorrentes da técnica construtiva e da intenção plástica própria à cada época histórica. É de consenso que a função principal de uma casa é o abrigo (LEMOS, 1996). No entanto, pode-se atribuir à casa outras funções secundárias como produção, repouso e lazer, já que, dentro da casa ou no seu entorno imediato, costumam-se realizar inúmeras atividades resultantes da divisão do trabalho por sexo, por idade ou por classe social. Portanto, a casa de moradia deve ser entendida como um todo, cuja finalidade é a reprodução do grupo familiar, cuja definição, tamanho e composição mudaram significativamente ao longo da história humana. Lemos (1996) constata que, no passado, a noção de casa abrigo estava intrinsecamente ligada a de fogo,³ local de reunião e refeição por excelência, congregando tradicionalmente ao redor dele família e domesticidade.

Segundo Rybczynski (2002), vários aspectos históricos devem ser considerados no estudo da casa. Na Idade Média, as pessoas moravam muito mal, sem acesso a água ou saneamento, praticamente sem móveis ou objetos pessoais. Os casebres dos mais pobres eram pouco mais que abrigos para dormir num único cômodo, às vezes compartilhados com animais. Em contrapartida, na mesma época, os aristocratas viviam em castelos fortificados, os clérigos em mosteiros, enquanto os burgueses possuíam casas que eram ao mesmo tempo local de moradia e de trabalho.⁴ O modo de usar as casas explica em parte a simplicidade e a escassez dos móveis medievais, pois as pessoas mais acampavam do que viviam em sua casa. Além disso, a casa medieval era um lugar público, e não privado. O salão era constantemente usado para comer, cozinhar, entreter convidados, fazer negócios e, à noite, para dormir. Essas diferentes funções eram conciliadas

³ A função de abrigo deu-se em torno do fogo aquecedor, lugar de reverência às divindades familiares. Em Portugal e no Brasil colonial, costumava-se chamar a morada de fogo ou fogão e os censos daquela época revelavam o tamanho de determinada cidade em função do número de fogos. Atualmente, a importância do fogo diminuiu significativamente e o conceito de casa mudou.

⁴ As residências medievais burguesas, construções longas e estreitas, tinham geralmente dois andares, com um porão usado como local de armazenamento de víveres e mercadorias. A loja situava-se no andar principal da casa ou pelo menos à frente. A parte de morar era geralmente constituída por um cômodo, um grande salão, com camas servindo de assento, já que as pessoas não costumavam sentar em cadeiras, pois esse móvel não era projetado para ser confortável e, sim, símbolo de autoridade.

movendo-se os móveis conforme a necessidade. À noite, as mesas eram retiradas e as camas apareciam. Como todas essas pessoas viviam em um ou dois compartimentos, não se conhecia a privacidade, até dormir era uma atividade comunitária. Os banhos eram públicos. Os modos à mesa eram complexos e o hábito de dar a primazia aos convidados ou de perguntar se querem repetir, começou na Idade Média. Lavar as mãos antes de comer era outra regra de polidez medieval que persiste até hoje. A imagem que se tem da casa nessa época era que havia certa grandeza, até nas construções privadas, mas pouco conforto no ambiente doméstico, no sentido atual do termo.

Após o fim da Idade Média e até o século XVII, as condições da vida doméstica na Europa começaram lentamente a mudar. As casas ficaram maiores e mais sólidas, as lareiras e chaminés passaram a ser mais usadas. As comodidades físicas foram melhorando lentamente, não em termos de tecnologia, mas de modos e atitudes.⁵ Uma casa típica da burguesia passou a ter quatro ou cinco andares em vez de dois e maior domesticidade a seu serviço. A disponibilidade de espaço permitia que parte dela fosse alugada ou cedida. A sala principal era uma grande área, semelhante ao salão usado para comer, se entreter e receber visitas. Não se cozinhava mais no fogareiro central, mas em um compartimento separado para esse fim. A cozinha não era adjacente à sala, mas geralmente ficava distante do outro lado do jardim interno. Surgiu um novo cômodo, frequentemente usado para dormir. Com o tempo, o desejo por maior privacidade ficou mais explícito, com a separação dos donos de seus criados, e a casa tornou-se um lugar mais privado. Os móveis passaram a ser considerados posses valiosas, sendo parte da decoração. Não havia corredores nessas casas e isso era motivo de orgulho para os arquitetos, os quais alinhavam todas as portas. Também se ignorava o saneamento. É evidente que se priorizavam as aparências (RYBCZYNSKI, 2002). Roupas de vestir, de cama e banho foram elaboradas para compor enxovais, sendo parte valiosa do dote das mulheres. Já a nobreza e a alta burguesia viviam em casas individuais muito maiores, que tinham mobília mais suntuosa e mais luxuosa. Essas classes também estavam começando a expressar maior desejo por privacidade.

A partir do século XVII, tendo em vista as raras oportunidades dos pais para ficarem a sós com seus filhos, houve mudanças nos hábitos familiares: foi nas moradias burguesas, modestas, que a vida familiar começou a tomar uma acentuada dimensão privada. O surgimento do conceito de intimidade na casa foi consequência de mudança nas relações familiares, no tamanho da família, com a valorização da presença das crianças e a possibilidade de observar seu crescimento, como observa Rybczynski (2002).

⁵ Por exemplo, os banhos públicos foram proibidos. Como não havia banheiros privados e o esforço para se carregar a água para dentro de casa era enorme, o banho que era comum na Idade Média caiu em desuso.

Opera-se, então, uma revolução nos modos de vida, impulsionado pelo senso de intimidade doméstica que estava surgindo, principalmente observável nos Países Baixos com a valorização da independência do indivíduo. Consequentemente o caráter público da “casa grande” foi substituído por uma vida caseira mais sossegada e privada. O surgimento da casa de família era um reflexo da importância que a sociedade europeia começava a dar à criança e à família (ARIÈS, 1981).

Nesse processo, a casa não só estava ficando mais íntima, como também estava adquirindo uma atmosfera especial. Tornou-se um lugar feminino ou, pelo menos, um lugar sob controle feminino, palpável e real, ocasionando não somente a imposição de regras e de limpeza, mas também introduzindo algo que não existia antes: a domesticidade, enquanto conjunto de emoções sentidas (na família, na intimidade, na devoção ao lar e a criação da prole) e não um único atributo.⁶

Devido a essa série de mudanças, ocorreu um processo de divisão da casa, em diferentes cômodos que adquiriram diferentes funções. A busca pela comodidade, a preocupação do século XVIII com maior conforto, a valorização do indivíduo e do sentimento, a formalização de regras de convivência,⁷ até a busca pelo prazer são alguns dos fatores do processo civilizatório que influenciaram as mudanças na casa e nos modos de morar.

Outro fator que contribuiu para a transformação da casa foi a introdução de iluminação doméstica, substituindo velas por lâmpões e posteriormente a luz a gás, o que provocou “uma grande revolução na vida humana”, principalmente na vida doméstica. O efeito dos interiores mais claros não foi somente de usufruir de maior conforto e propiciar maior limpeza: tornava possível a realização de múltiplas atividades (leitura noturna, trabalhos manuais, visitas e encontros sociais e de lazer, instrução), compartilhadas por parentes, amigos, agregados e serviçais. Uma nova sociabilidade estava nascendo.

A chegada da luz a gás e a valorização de mecanismos de ventilação (janelas maiores), por mais limitadas que essas tecnologias fossem, significaram o início da mecanização da casa, no século XIX. A falta de energia limitava fortemente a tecnologia doméstica, até o surgimento da eletricidade em 1877, marco decisivo no desenvolvimento de equipamentos domésticos: lâmpadas e abajur, máquina para moer o café, aspirador de pó elétrico,

⁶ Se a domesticidade foi uma das principais conquistas da era burguesa, como propõe o historiador John Lukacs, ela foi, acima de tudo, uma conquista feminina (VALERY, 1997).

⁷ Por exemplo, como a etiqueta doméstica era muito rígida, baseada principalmente na reserva, era considerado falta de educação entrar em uma casa sem ser convidado; quando se planejava uma visita, era necessário deixar seu “cartão de visitas” e esperar uma resposta. Quando um convite havia sido feito e adequadamente aceito, o primeiro cômodo onde o visitante entrava era o hall, cômodo que tinha uma função importante como ambiente para a chegada e saída e conforme cerimonial de visitas em ocasiões formais, sendo acolhido na sala de visitas e estar, que era o cômodo mais espaçoso e mais aquecido (NOVAIS, 2002).

máquina de lavar roupas e ventilador portátil, permitindo que as tarefas domésticas, quase que exclusivamente realizadas por mulheres, fossem realizadas com mais conforto e economia de tempo.

Nota-se, então, que diferenças de gênero no tocante ao uso da casa se revelam: para os homens, a casa era primordialmente retiro das preocupações laborais e mundanas, um lugar para se ficar à vontade, longe da agitação da rua. A noção feminina da casa era dinâmica, tendo relação com o estar à vontade, mas também com o trabalho da própria mulher ou da domesticidade, em grande parte feminina.⁸ Pode-se dizer que o foco passou da sala de visitas para a cozinha, já que, quando a eletricidade entrou na casa, foi pela porta da cozinha. É notável como, a partir dessa época, a noção de conforto e eficiência⁹ se estabeleceu rapidamente na casa.

Mesmo enquanto a casa estava sendo organizada de maneira mais eficiente para o trabalho doméstico, no final do século XIX e início do século XX, a sua decoração interior não apresentou grandes alterações. As mudanças que de fato ocorreram deveram-se à moda e ao gosto popular e praticamente nada à tecnologia. Os interiores das casas foram levados ao ecletismo, com ampla liberdade para moldar, interpretar e até combinar estilos diversos, pois os estilos da época haviam sido desenvolvidos originalmente para casas grandes, e nem sempre era fácil adaptá-los às casas menores que estavam sendo construídas.

Segundo o mesmo autor, a partir de 1920, houve uma mudança indiscutível no gosto popular e os cômodos ficaram menos densos, uma tendência que alcançou o seu ápice com o minimalismo da década de 1970. Esse processo de desnudamento, tão característico dos interiores modernos, começou com a tentativa de abolição de toda a ornamentação da vida cotidiana, sendo muito ainda do gosto atual pela redução da desordem e do excesso de objetos em um cômodo.

Depois disso, a própria noção de decoração do espaço doméstico foi atacada, já que, com as crises econômicas da primeira parte do século XX, “o estilo sem o glamour do cubo de estoque se adequava bem à sobriedade pós-depressão” (RYBCZYNSKI, 2002), adaptando-se melhor aos orçamentos pequenos e aos recursos limitados. Portanto, a decoração e aparência externa dos cômodos modelaram-se em função do comportamento social, de hábitos e costumes mais duradouros.

⁸ Ver a esse respeito as considerações feitas por Valéry (1997) sobre a importância do recorte de gênero na habitação.

⁹ Surgiram nessa época as “engenheiras domésticas” (RYBCZYNSKI, 2002), mulheres que buscavam racionalizar e organizar o trabalho de casa em função das teorias desenvolvidas.

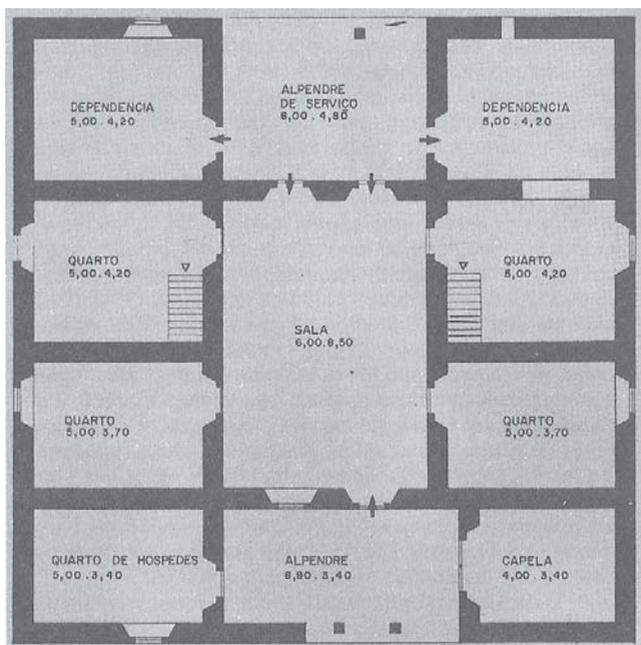
¹⁰ Os equipamentos “modernos” que hoje contribuem para o conforto doméstico não existiam antes de 1890, mas já eram bem conhecidos em 1920 e se tornaram pouco a pouco produtos típicos da sociedade de massa.

Outro fator de mudança na casa foi a introdução da tecnologia doméstica.¹⁰ O conforto mudou não somente qualitativamente, mas também quantitativamente. Essa democratização do conforto se deveu à produção em massa e à industrialização, típicos da era moderna. Desse modo, o conforto físico na casa não era mais o privilégio de uma parte da sociedade, sendo acessível a todos.

É indiscutível o papel da mulher na configuração da casa na época contemporânea (VALERY, 1997). Desde o século XVII, o papel das mulheres em definir as noções de conforto, privacidade e domesticidade foi preeminente. A noção de eficiência no trabalho doméstico também, alimentado por questões de praticidade e de status e, na segunda metade do século XX, pelo desejo das mulheres de entrar no mercado de trabalho e seguir carreira, o que redundou em transformações do espaço doméstico para adaptá-lo às novas demandas. Se a falta de empregados do início do século XIX promoveu um interesse pelas máquinas que ajudariam a dona de casa nas suas tarefas e reduziria o tédio do serviço doméstico, com a emancipação feminina, a presença menos constante da mulher na casa requereu a compra de máquinas que realizem as tarefas sozinhas, dando-se ênfase à introdução de equipamentos mecânicos e eletrônicos na casa, na busca incessante de melhor conforto e bem-estar doméstico.

HISTÓRIA DA CASA BRASILEIRA: UMA REFLEXÃO SINTÉTICA

O estudo da casa brasileira deve ser feito desde suas raízes, que englobam as influências ibéricas, a oca indígena ou outros traços herdados da África, do Oriente, até da Índia (LE MOS, 1996). Logo no início da colonização, a arquitetura brasileira empregou muitas técnicas da arquitetura lusitana, assim como tentou repetir seus modismos estilísticos utilizando também os mesmos materiais. Desse modo, as casas brasileiras apresentavam-se como verdadeiras réplicas das casas lusitanas, sendo sua fisionomia quase que idêntica do Norte ao Sul, desconsiderando principalmente os aspectos climáticos. Por isso, afirmava um engenheiro do século XIX que “quem já viu uma casa brasileira já viu todas”. A planta abaixo (fig. 1) revela a estrutura da casa brasileira, segundo Lemos (1996).



Fonte: Lemos, 1996.

Figura 1
Exemplo de casa de campo no Brasil Colônia

A análise da planta é muito interessante porque mostra que a residência concentra no mesmo espaço construído elementos que mais tarde viriam a ser autônomos (a capela, por exemplo). O acesso se fazia por grandes alpendres, situados na frente (para família e convidados) e atrás (para empregados e escravos). A sala de estar ocupava posição central, sendo acesso e passagem obrigatória para os demais cômodos, principalmente os quartos cuja privacidade era assegurada por um único acesso e ventilação por pequena abertura servindo de janela. Na época, não havia costume de usar vidros em janelas, tornando os espaços escuros e abafados. Nota-se na mesma planta a ausência de cozinha como cômodo estruturado; portanto, as atividades relativas ao ato de cozinhar e lavar pratos e roupas se faziam na parte de trás da casa, no quintal, onde localizava-se frequentemente o forno (VALÉRY, 1984). Além disso, no Brasil, devido às grandes distâncias, as casas de campo da época da colonização propiciavam o isolamento das famílias, tornando a hospitalidade uma obrigação social, daí a existência de quarto de hóspedes (na época, com acesso externo e isolado dos demais cômodos, como mostra a fig. 1), uma prática ainda muito comum nos dias atuais.

A compreensão da sociedade brasileira e de suas íntimas redes de relações passa também pelo estudo da casa e da rua, que estão intrinsecamente ligadas, uma vez que representam a espacialidade das relações sociais (DA MATTA, 1997). A rua e a casa não são apenas espaços geográficos, pois em torno delas se organizam relações, sentidos e sujeitos. Elas são, acima de tudo, entidades morais e esferas de ação social, permitindo uma análise pormenorizada da dimensão da vida cotidiana presente em suas formas.

Segundo o antropólogo Roberto da Matta (1997), “casa e rua” devem ser entendidas como categorias sociológicas relevantes, já que essas palavras não designam simplesmente coisas físicas, mas notadamente elementos culturais. Assim, dentro da tradição de estudos históricos e sociais brasileiros, a ideia de casa parece surgir como local privilegiado, sendo muito mais um palco, como local físico, do que um ator. Seu espaço pode aumentar ou diminuir, tornando-se tanto o espaço íntimo e privativo de uma pessoa, quanto um espaço máximo e resolutamente público, como ocorre no Brasil, onde o sentido de casa é implícita ou explicitamente contrastado. Por isso, a casa e a rua expressam fortes diferenças de atitudes, gestos, roupas e assuntos, de acordo com a significação de cada uma dessas esferas (pública ou privada).

O simbolismo da casa é extenso em nossa sociedade. De casa vem casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional, plenamente coerente com o espaço da morada e da residência (DA MATTA, 1997), calmo e seguro, dominado por um grupo social que, no Brasil, é concebido como natural. Já a rua é um espaço definido precisamente ao inverso, como terra que pertence ao governo ou ao povo e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua, portanto, tem significado de local perigoso. Essa é uma característica cultural bastante notável no Brasil.

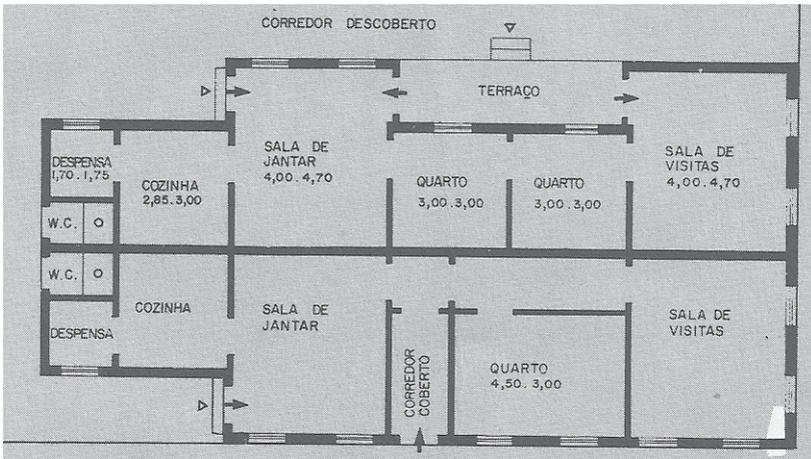
Outro traço cultural peculiar ao Brasil reside no fato de que as primeiras moradias aproveitaram o sistema estrutural circular indígena que foi agregado à casa quadrada dos portugueses, demonstrando intenso sincretismo. Uma das primeiras decisões assumidas pelos novos moradores foi a eliminação das lareiras devido ao aspecto climático, desse modo o fogo dentro de casa só era usado nas raras noites frias ou para iluminar e a cozinha foi transferida para o ar livre ou no rancho próximo a casa. A cozinha acabou desligada do núcleo residencial havendo até duas cozinhas, uma simples ligada a casa e outra maior, conhecida como “cozinha suja”, no fundo do quintal para os cozimentos mais demorados (ver fig. 2).



Fonte: Lemos, 1996

Figura 2
Exemplo de cozinha fora da casa

Depois que se definiram com precisão as classes sociais na colônia, as casas se dividiram em dois grandes tipos: casas maiores (como mostrou a fig. 1) e pequenas casas humildes, onde o fogão foi preservado ao lado do dormitório, embaixo do mesmo telhado. Segundo Lemos (1996), foi desses dois modelos extremos de residência que surgiram as dezenas de variantes que foram assinaladas na história da casa brasileira. A figura 3, a seguir, ilustra a mistura de estilos, com a presença de quartos enfileirados e a reintrodução da cozinha na unidade residencial, mas sendo localizada nos fundos, perto do quintal. A divisão de cômodos é clara, havendo separação entre estar, repouso e área de serviço. Preserva-se o acesso pelo terraço, mas o espaço destinado às visitas fica claramente afastado da sala de jantar e estar da família, mais próxima do local de preparo da refeição.

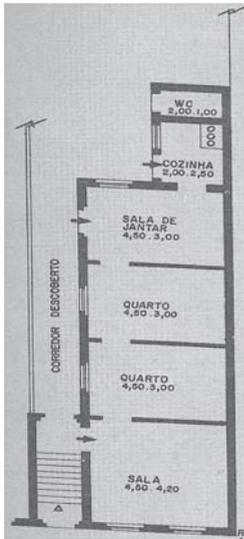


Fonte: Lemos, 1996

Figura 3
Exemplo de casa geminada, com cozinha incorporada

Durante o período colonial, os colonos se defrontaram com uma impressionante quantidade de opções quanto aos recursos do meio ambiente e uma enorme disponibilidade de matéria prima. Porém, foram surpreendidos pela falta de mão-de-obra, ferramentas e instalações apropriadas, tudo isso aliado às extremas dificuldades de comunicação, que proporcionaram discretos contatos entre os núcleos habitacionais. Os contatos efetuados no interior foram importantes principalmente quanto à disseminação das técnicas construtivas, mas não foram fundamentais na divulgação de partidos arquitetônicos ou programas residenciais.

Enquanto nas cidades em geral houve uma maior fidelidade às soluções portuguesas, nas áreas rurais, a difusão das construções do engenho configurou uma mudança na disposição da casa: só um telhado passou a cobrir todas as atividades do complexo agrícola, característica peculiar dos estabelecimentos rurais brasileiros das regiões onde a fixação das populações deu-se lentamente. O alpendre é um elemento de composição arquitetônica importante e pode-se dizer que é uma característica da arquitetura brasileira devido a sua disseminação ampla pelo Brasil. Esse elemento é raríssimo na arquitetura europeia em geral, justamente por ser desnecessário como moderador de temperatura. Dizem que o alpendre “sombreador” de paredes veio da Índia, trazido pelos portugueses. O alpendre na frente ou rodeando a construção tem o objetivo de resguardar a família agregando escravos e visitantes, fazendo que eles não entrem no interior da moradia, como foi possível ver na fig. 1.



Fonte: Lemos, 1996

Figura 4

Modelo de casa com
cômodos enfileirados

A casa popular urbana dos tempos coloniais praticamente teve a mesma planta no Brasil em geral. Embora as técnicas de construção tenham sido diversificadas, todas as moradias possuíam cômodos enfileirados. O cômodo da frente apresentava-se com janela no alinhamento da rua, servindo quase sempre de sala para recepção. Os cômodos intermediários, acessíveis por corredor lateral, eram os dormitórios. Nos fundos, ficava a cozinha, a varanda alpendrada que dava acesso ao quintal, onde sempre havia uma precária instalação sanitária. As casas ricas do tempo de colônia, quase sempre de comerciantes abastados eram, na sua maioria, casas assobradadas. Às vezes, sobrados enormes, porque naquele período as diferenças entre moradias eram quantitativas e não qualitativas.

O século XIX é marcado pela chegada da corte portuguesa ao Brasil, acontecimento que, segundo Lemos (1996), determinou muitas mudanças, inclusive na arquitetura, através de novas técnicas e novos materiais de construção, como o vidro plano para as janelas, e nos hábitos das pessoas.¹¹ Durante o século XIX, devido a maiores facilidades de comunicação entre as cidades litorâneas, houve naturalmente uma tendência à homogeneização da linguagem e dos partidos arquitetônicos. Houve nessa época uma intensa mistura de estilos, todos chamados de ecléticos. Porém, com o passar do tempo, o patrimônio arquitetônico brasileiro foi perdendo sua originalidade devido à importação de arquitetos, mestres de obras e materiais de construção principalmente dos Estados Unidos e da Europa.

As novidades fizeram que as casas na época mudassem a sua configuração, sendo definidos novos critérios de circulação dentro de casa. A moda era proporcionar independência entre as três zonas da casa: áreas de estar, repouso e de serviço. A casa para ser considerada bem planejada precisava ter uma comunicação direta entre a sala de jantar e a cozinha. Os

¹¹ As casas passaram a ser iluminadas com muita luz do sol durante o dia e, à noite, por modernos lampiões, modificando os hábitos caseiros, propiciando a tertúlia. Os hábitos da higiene sofreram alterações, com a introdução das "casas de banho" e de lavatórios providos de bacias e jarras nos quartos de dormir.

imigrantes também trouxeram novidades e propiciaram adaptações, em termos de sistemas construtivos e modo de viver, abdicando do fogão como centro de interesse do espaço arquitetônico e aceitando o puxado da cozinha. O uso de calhas, condutores de águas furtadas de folhas de flandres ou de cobre, permitiu a adoção de corredores laterais descobertos e de pátios internos, permitindo o aumento da quantidade de janelas, cada vez mais próximas entre si. No final do século XIX, as famílias abastadas passaram a contar com água potável, gás e combustível. A água encanada, por sua vez, provocou no planejamento das casas a vizinhança forçada entre a cozinha e as instalações sanitárias.

Na mesma época, a questão da falta de moradia popular começa a ser colocada notadamente em São Paulo, propiciando o surgimento dos cortiços. Essa nova modalidade de habitação social tinha como característica a existência de duas fileiras de cômodos separadas por uma estreita passagem central e apresentando no fundo duas ou três privadas ao lado da mesma quantidade de tanques de lavar roupas para uso comunitário. Os cortiços eram sempre localizados em terrenos muito baratos, ocupando os interiores das quadras, ou loteamentos clandestinos. A lei acabou tolerando os cortiços, mas enfatizou a necessidade de construção de casas operárias, denominação que passou a designar a casa pequena. Assim sendo, antes da Primeira Guerra, tanto as casas de classe média quanto as casas populares costumavam ter somente uma fachada, voltada para a rua.

Lemos (1996) considera que a primeira Guerra Mundial significou um divisor de águas no Brasil, no que diz respeito à arquitetura.¹² Durante a década de 20 do século XX e início da seguinte, o estilo neocolonial se popularizou (uso de largos beirais, de frontões curvos, de arremates das fachadas religiosas emprestados as novas residências, de vergas de arco abatido das portas e janelas setecentistas, de treliças, de painéis de azulejos decorados, de telhas de capa e canal). A casa neocolonial foi muito ligada à moradia de inspiração francesa quanto à sua planta, ao seu sistema de circulação e ao zoneamento. Além disso, as já citadas transformações na mecanização do espaço doméstico se processavam. A introdução, primeiro do rádio e depois da televisão, representou uma oportunidade ímpar para atuação e homogeneização dos hábitos de moradia no Brasil, agora sujeitos às novas modalidades de consumo.

A televisão foi responsável pelas fundamentais alterações na vida íntima das famílias, com marcantes reflexos na organização espacial, o que o rádio fora incapaz de efetuar. A televisão demandou acomodações apropriadas ao seu tempo, invadindo a sala de visitas e a transformando num

¹² Naquele tempo, novas construções eram levantadas, levando em conta materiais importados, como o pinho de Riga. Com o final da guerra, esses tipos de materiais deixaram de ser fornecidos e coube aos Estados Unidos inundar o Brasil com seus materiais de construção.

espaço mais agregador, unindo a sala de jantar à sala de estar. Com ela, houve enormes mudanças no mobiliário, permitindo aos designers, decoradores e moveleiros novas concepções de projetos, agora tendo como principal tônica o conforto. Do mesmo modo, atividades femininas foram se desenvolvendo “no recôndito do lar”, graças às máquinas de costura e produção caseira de alimentos (NOVAIS, 2001). Logo, a venda desses serviços e produtos tornou-se também um caminho para a emancipação feminina, gerando renda para as mulheres, forçando sua saída do lar e sua crescente e maior inserção no espaço público.

No século XX, nas cidades em processo de metropolização, com seu crescimento acelerado, é comum o confronto de padrões de comportamentos no momento da produção de bens de uso coletivo. Quando vários interesses estão em jogo e não só os financeiros e econômicos, a tendência é uma homogeneização de soluções que procuram agradar a todos. Desse sincretismo resultaram edifícios cujas plantas não participavam de um *continuum* como ocorreu ao longo dos tempos com os projetos de residências unifamiliares. No entanto, o edifício de apartamentos levou tempo para ser aceito pelos moradores das grandes cidades, até se transformar em mercadoria solucionadora da questão habitacional e hoje objeto de desejo da sociedade de consumo.

O que se constata é que a evolução do apartamento teve como base a manipulação de seus variados programas de necessidades pelos promotores ou incorporadores, que se regem mais pelas leis do mercado imobiliário do que pelo respeito aos usos culturais, costumes e anseios próprios de seus usuários .

Segundo Lemos (1996), a história dessa forma de moradia divide-se em três etapas: a primeira pioneira que vai aproximadamente de 1925 até a Segunda Guerra Mundial; a segunda, situada entre o armistício de 1945 até mais ou menos meados da década dos anos 70 e a terceira vem desse tempo até os nossos dias. Durante a primeira etapa, chamada de “heroica” por Lemos, houve ferrenha oposição a esse modo de morar. Assim, o apartamento penetrou na vida brasileira com sua aceitação pela classe média e, posteriormente, pela classe alta. Mais recentemente, a classe popular começou a experimentar esse modo de morar. No fim da década de 20 do século XX, já eram comuns os prédios de apartamentos de muitos andares, acessíveis por escadas e elevadores importados. Os primeiros edifícios de apartamentos tiveram suas plantas norteadas pela ideia de empilhar, em um mesmo terreno, várias casas, todas iguais entre si, mas confortáveis e isentas de promiscuidade, a fim de impedir o processo de encortiçamento. Durante a segunda Guerra Mundial, o número de construções diminuiu drasticamente, especialmente aquelas dependentes de material importado e como decorrência da Lei do Inquilinato, que congelava aluguéis e desestimulou o mercado imobiliário da época. Foi somente no final dos anos 40 do século

XX que se deu o início do *boom* imobiliário que acelerou o processo de verticalização das maiores cidades e significou a popularização da figura do condomínio. A terceira etapa iniciou-se com a construção de grandes apartamentos, dando a impressão que somente a classe média alta existia como consumidora, influenciada pelo apelo à segurança e aos ambientes mais ecológicos. Desse modo, foram erguidos edifícios não mais geminados uns com os outros, mas isolados e cercados de verde por todos os lados.¹³ Portanto, houve todo um processo de aceitação e difusão da habitação verticalizada, primeiro nos estados do Sudeste e principais metrópoles, antes de que o *boom* imobiliário do final do século XX o estendesse às outras grandes cidades e capitais, como foi o caso em Natal.

PERMANÊNCIAS E INOVAÇÕES NOS MODOS DE MORAR EM NATAL

Como reportado, em função das pressões demográficas e do crescimento das grandes cidades e capitais, semelhantes a Natal, o processo de verticalização da moradia acentuou-se. O mercado imobiliário teve um papel preponderante nesse processo, alimentando a oferta de prédios residenciais para a classe média e alta. O modo de morar em apartamento tornou-se a nova regra e o novo sonho. Isso representou claramente uma mudança nos modos de morar da classe abastada de Natal, tornando mais evidente o impacto das regras impostas pelo mercado imobiliário.

Com base nessas constatações, realizou-se uma pesquisa de campo junto ao setor imobiliário natalense, a partir de agosto de 2010, coletando e identificando as ofertas de moradia publicadas nos seus principais jornais (Tribuna do Norte e Diário de Natal) em encartes publicitários, recolhendo folhetos distribuídos nas ruas mais movimentadas da cidade e visitando projetos de apartamentos com modelos decorados. Foram selecionadas quarenta e três propostas de moradia em apartamentos e condomínios, para serem estudadas. Os dados foram categorizados, tabulados e analisados, a fim de traçar o retrato do novo sonho de “morar bem” em Natal.

A primeira constatação é referente aos nomes dados às novas moradias, predominando principalmente nomes estrangeiros (65%). Dentre eles, 25% dos prédios pesquisados têm nomes em inglês (“Sun View”, “Green Park”, “West Village”, “Central Park”, entre outros), sinal claro de identificação com status atrelado à cultura norte-americana. Várias denominações dos empreendimentos também remetem a origem europeia (italiana, como

¹³ Esse modelo “de plantas de perímetros sinuosos, cheios de reentrâncias e saliências gerando cômodos delimitados por ângulos ocultos” se difundiu, gerando a demanda por unidades habitacionais mais refinadas e com grande número de “metros quadrados de azulejos gastos em relação às áreas totais construídas”. O que não deixa de ser até hoje uma característica da produção contemporânea da habitação vertical.

“L’acqua” e “Spazio Senna” e francês, como “Ravissant” e “Auguste Lumière”) dos investidores estrangeiros que compram as unidades residenciais postas a venda, muitas delas ainda na planta.

O apego dos brasileiros aos sinais de status em língua estrangeira também está presente no mercado imobiliário, bem como em outras áreas comerciais (nomes de centros comerciais “Shopping”, de lojas, de produtos, de expressões corriqueiras).

Quanto à localização dos empreendimentos por bairro, no mapa a seguir (cuja estrutura foi extraída do *site googlemaps*), áreas de valorização central e de moradia tradicional da elite econômica natalense, tais como os bairros de Lagoa Nova, Tirol e Petrópolis, destacam-se pela concentração de oferta de edifícios, o que as informações destacadas em vermelho no mapa abaixo demonstram. As demais construções estão espalhadas em bairros que estão em processo de “valorização”, tais como Nova Parnamirim, Cidade da Esperança, Cidade Satélite, Planalto e Neópolis.

Em bairros de ocupação antiga, há muito tempo abandonados pelas classes alta e média, ocupados por residências de classe média e vilas populares como a Ribeira, já saturados em termos de ocupação, há menos empreendimentos, embora seja possível apontar uma tendência à nova ocupação verticalizada e pela elite. No que diz respeito à Zona Norte de Natal, de feições mais populares e de ocupação desordenada, só foi localizado um empreendimento, apesar de a área ser promissora em termos de ocupação e crescimento vertical.



Fonte: autora

Figura 5

Mapa de localização dos empreendimentos estudados em Natal, out. 2010

Ao contrário do que se poderia pensar, o *boom* imobiliário não se deve somente a influências ou recursos externos: as principais construtoras são potiguares (73%) com sede e razão social na capital, como por exemplo, a Capuche, I.G Potiguar, Ecocil, Delphi, entre outras. A maior parte delas efetua operações casadas (participam do processo imobiliário como construtora, incorporadora) além de articular-se com corretoras imobiliárias próprias ou locais; portanto, apresentam uma estrutura financeira sólida, relacionada ao sistema financeiro nacional (CEF). Constata-se também a presença de empresas que não são locais, com sede e razão social na cidade de Fortaleza – Ceará, de João Pessoa – Paraíba, de Recife – Pernambuco e de São Paulo. Como por exemplo a Moura Dubeux, Planc e a Cameron.

Nota-se também o elevado custo dos apartamentos (os melhores situados custam acima de R\$ 300.000,00, preço supervalorizado para Natal) e o preço do m² (entre R\$ 1.400,00 e R\$ 3.500,00, na data da pesquisa). Quando o preço do apartamento situado em condomínio não é tão elevado, vende-se a certeza de “valorização garantida” do mesmo, como o folheto abaixo.



Fonte: pesquisa de campo.

Figura 6
Parte do folheto do Portal Petrópolis

A vista para o mar, para o oceano Atlântico, para o rio Potengi, e a localização perto da praia participam da mesma lógica comercial. Algumas vantagens locacionais também: proximidade de shoppings, lojas, restaurantes, escolas, faculdades.

Esse fenômeno pode ser explicado pelo elevado crescimento do setor imobiliário em Natal, que está ligado à estabilidade econômica do país e ao aumento do poder aquisitivo das pessoas, e reforçado pela oferta de crédito por parte das empresas, juntamente com a possibilidade de financia-

mento pela Caixa Econômica Federal e possibilidade de utilização do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e de subsídios governamentais (valor: R\$ 17.000,00, em 2010). A venda a prazo é a modalidade mais frequentemente anunciada e procurada: no prazo inicial do empreendimento (ainda na planta) de dois a três anos, os adquirentes parcelam a parte de entrada, depois vem o financiamento de “até 90% da construção”, “financiamento em 300 meses”, possibilidade de utilização de várias formas de financiamentos e subsídios.

No intuito de reforçar seus argumentos de venda, algumas imobiliárias colocam, em seus panfletos, chamadas relativas ao preço do m², anunciado como o aparentemente mais barato daquela área: como exemplo, pode-se citar algumas propagandas sinalizando “o m² mais barato da região”, como é possível visualizar abaixo.



Fonte: Pesquisa de campo.

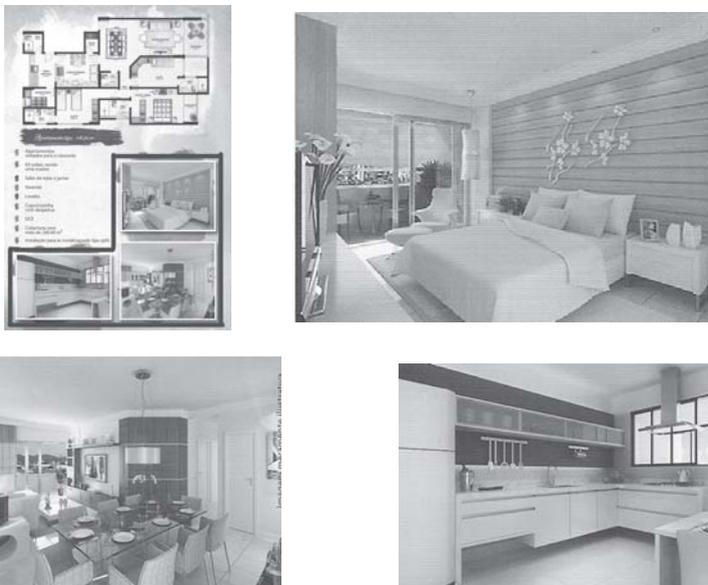
Figura 7
Recorte do folheto do Green Mount Residencial

Diante do preço anunciado, percebe-se que o que se apresenta não se refere ao custo da área do apartamento, mas, sim, ao conjunto de vantagens e serviços que acompanham a venda do mesmo: extensa área de lazer em torno do edifício, presença de área verde, áreas de uso comum entregues

equipadas e decoradas, piscina, campo de futebol, presença de espaço *teen*, de espaço VIP, de espaço gourmet. Além disso, a propaganda imobiliária salienta os itens ligados a conforto e segurança, com a presença de guaritas e ruas calmas: *“Aqui é onde o que você precisa está, ruas livres e calmas, onde a segurança reina e o conforto é garantido”*.

Ao analisar os folhetos dos quarenta e três empreendimentos selecionados, constata-se a ênfase dada a diversos elementos que compõem o espaço externo à residência: vagas na garagem, churrasqueira, playground, quadra poliesportiva, brinquedoteca, academia de esportes, redário, piscina, sauna, espaço relax e salão de festas. Esses equipamentos de lazer e esporte nem sempre estão todos presentes nos condomínios mas agregam valor ao empreendimento e funcionam como sinônimo de bem estar para o futuro adquirente.

Enquanto a descrição dos espaços externos é rica em detalhes, a dos apartamentos é relativamente sucinta, enfatizando quase que exclusivamente o número de quartos ou suítes. Nem sempre a planta baixa está apresentada no folheto de venda. Mas uma vista parcial do apartamento decorado, sim, notando-se o uso de representações gráficas tridimensionais e o uso de espelhos e outros elementos decorativos para dar uma ideia de maior amplitude do espaço, como mostra a fig. 8.

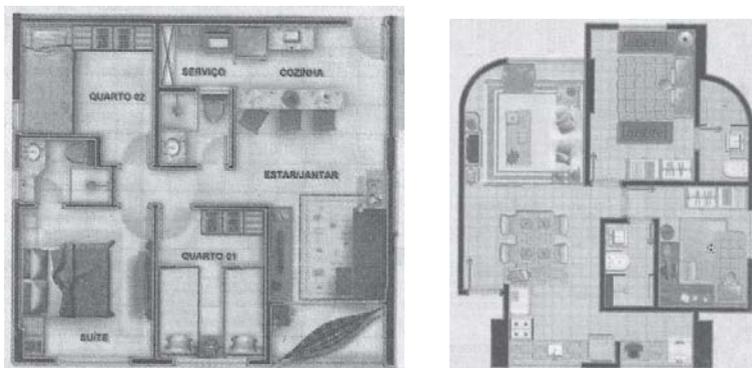


Fonte: Pesquisa de campo.

Figura 8
 Perspectivas ilustrativas do Residencial Michelangelo

O esmero na decoração serve como atrativo para o futuro morador, bem como a presença de apetrechos tecnológicos (*home theater* com TV de plasma, computadores, forno de micro-ondas) e a valorização do espaço pela combinação de cores.

Ao analisar as plantas, observa-se a diminuição exacerbada dos espaços consagrados ao estar, dormir, cozinhar, receber, nessas novas formas de moradia, que ditam atualmente até as relações familiares. No caso de apartamentos com área entre 50 e 70m², como mostrados logo abaixo, nota-se uma fusão do estar, receber e cozinhar numa mesma área visual e de trânsito. Até a entrada no apartamento dá diretamente na área da sala estar, sem transição, ocasionando a integração dessas funções, não tanto por razões de mudanças de hábitos sociais, mas principalmente por motivos de economia de espaço.



Fonte: Pesquisa de campo

Figura 9

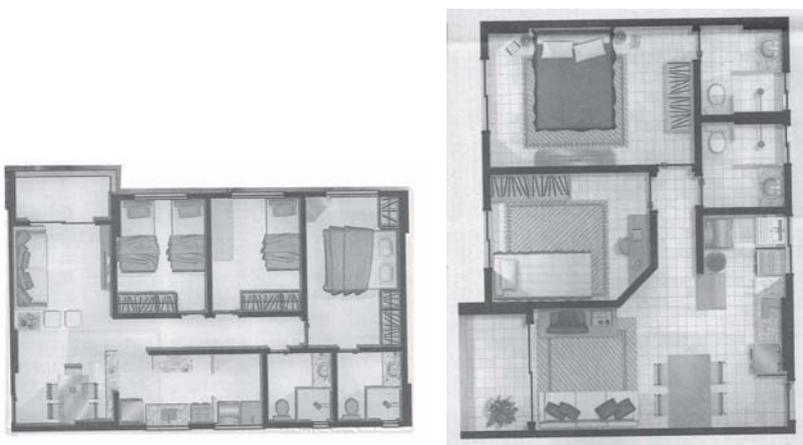
Plantas baixas do Belo Oceano e Nova Amsterdã

De fato, num espaço assim reduzido, impõe-se que as atividades de maior sociabilidade aconteçam fora desse ambiente, hoje limitado aos encontros familiares. Pelo número de quartos previstos, poucos são os moradores: um casal com um ou dois filhos. Aliás, na cozinha estilo americano só há três ou quatro lugares para sentar. Não consta espaço para empregada doméstica, sendo reduzidíssima a área de serviço.

Em relação aos compartimentos da casa, pode-se observar que há a contínua superposição de funções, que tradicionalmente estavam separadas: por exemplo, trabalhar no quarto, que é dotado de equipamentos eletrônicos, transformar um dos quartos em escritório, comer na sala de estar,

estudar na mesa da sala de jantar, já que o quarto não comporta espaço para mesa de estudo etc.

Nos exemplares abaixo, constata-se que o espaço previsto é concebido para abrigar famílias (pais com um filho, casal com três filhos), sendo repetida a ideia de que a residência deve ser adequada a um padrão familiar tipo família nuclear com um ou vários filhos. Repete-se a observação da inexistência de quarto da empregada, da reduzida área de serviço apesar de haver espaço para cozinha independente em um dos exemplos, denotando a tecnologia dos ambientes (uso maciço de eletrodomésticos na cozinha e de aparelhos eletrônicos como TV convencional ou de plasma na sala ou no quarto).



Fonte: Pesquisa de campo.

Figura 10
Plantas baixas do Sun View e Sun Golden

Como se mostrou, a explicação lógica para esse fato deve-se à diminuição gradativa da família e de seu espaço privado. Com a fusão clara entre cozinha e sala de jantar, está se impondo a tendência de cozinha ao estilo americano, com a ausência de paredes entre cozinha e sala de jantar, proporcionando maior sensação de amplitude ao espaço, gerando economia de passos entre esses cômodos, praticidade no uso na hora das refeições, maior convivência entre os membros da família, além de ser uma solução confortável e elegante para a realidade da vida num apartamento atualmente. No exemplo a seguir, nota-se também o surgimento de um novo cômodo: o chamado espaço gourmet, na verdade repaginando a varanda para seu uso social (ser exibido às visitas), como mostram essas ilustrações. Na verdade, a varanda, concebida como espaço de transição entre o dentro e o

fora, permitindo ventilação e iluminação natural, e servindo acessoriamente como espaço ajardinado, está perdendo seu aspecto funcional.

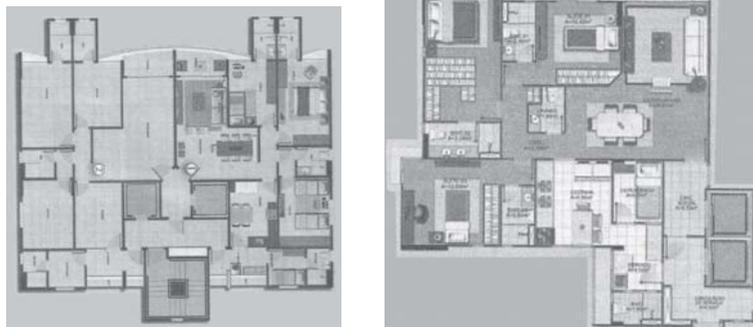


Fonte: Pesquisa de campo.

Figura 11
Planta baixa e perspectiva ilustrativa do espaço gourmet do Central Park

Nova tendência entre os empreendimentos, esse espaço foi concebido para a recepção de amigos e apreciação de comes e bebes, servindo também para exibir o status do novo ocupante. Pois nada indica o desejo de ser usado por seus ocupantes: sua função é mais estética. Para limpeza, a contratação de uma diarista é suficiente, já que a maioria das famílias faz as suas refeições fora de casa ou compra alimentos prontos, tornando-se o novo hábito da classe média e da família reduzida, dispensando a exibição de sujeira na casa e a necessidade de serviços para limpar.

Enquanto a maior parte dos exemplares pesquisados segue as novas tendências arquitetônicas ditadas pelo mercado imobiliário, em alguns apartamentos ainda prevalecem elementos tradicionais do bem morar das famílias de alto padrão aquisitivo.



Fonte: pesquisa de campo.

Figura 12

Plantas baixas dos edifícios Prof. João Gurgel e Green Mount

Nesses exemplos, a área de serviço é ampla, bem delimitada, compreendendo vários cômodos: copa-cozinha, área de serviço, quarto de empregada e banheiro, tendo acesso pela porta de serviço. Estes apartamentos funcionam segundo os moldes tradicionais da casa grande com seus empregados fixos e seus hábitos de moradia. A sala de jantar é separada dos demais cômodos, havendo maior distância da área de serviço com a área íntima (amplos quartos e suítes, com *closet*). Nota-se melhor a definição dos ambientes e sua menor superposição das funções, apesar das famílias serem também pequenas (três a cinco pessoas). Com base nos dados observados, pode-se inferir que todos os cômodos são muito pequenos, se adaptando a uma vida corrida do futuro morador, a redução da família e a diminuição da estadia destes em suas casas. Os únicos cômodos que merecem maiores cuidados no seu *lay-out* são os quartos, hoje repaginados pelos casais ao gosto da estética pós moderna para serem exibidos.

RELAÇÕES ENTRE MODOS DE MORRAR E ARRANJOS FAMILIARES

O estudo dos arranjos familiares no Brasil e de sua influência na configuração da casa brasileira não é fato novo. Novais (2002), no seu estudo sobre vida privada no Brasil republicano, mostra a importância das mudanças no que tange ao comportamento matrimonial dos brasileiros nas últimas décadas: de fato, a percepção da instabilidade do vínculo conjugal, o aumento significativo do número de separações e divórcios, a preferência dos jovens para iniciar uma vida conjunta sob forma de uniões estáveis e a

banalização das formas de coabitação sem vínculos legais são alguns dos fatores que explicam o crescimento do número de unidades domiciliares no país. Novos estilos de vida se firmam: uniões estáveis que não envolvem coabitação, jovens vivendo sozinhos ou em companhia de outros jovens fora da casa dos pais, arranjos de adultos (aparentados ou não) morando juntos, famílias reconstituídas que passam a precisar de mais de um domicílio, fragmentos de famílias ou pessoas sozinhas que se deslocam no território nacional formando novos domicílios nos lugares de destino, migrantes internos movidos pela falta de oportunidade de trabalho ou por outras necessidades que alimentam taxas crescentes de mobilidade, estrangeiros que passam a residir temporariamente no Brasil. Vasta é a gama dos sujeitos sociais que alimentam a procura por moradia em Natal.

Além disso, cabe lembrar que o rápido declínio da fecundidade no Brasil vem desempenhando papel decisivo na queda do tamanho médio dos arranjos familiares. O arranjo familiar outrora mais frequente (do tipo casal com três filhos) vem declinando; o número médio de filhos por família também diminui, enquanto aumenta o número de casais sem filhos (casais heterossexuais e homo afetivos). Os estudos demográficos salientam também o crescimento da família monoparental, com sua especificidade: a presença só da mãe ou só do pai na companhia de um ou vários filhos, numa residência onde, às vezes, coabitam outros parentes. A chefia feminina, outrora associada quase que exclusivamente às camadas populares, vem se multiplicando em todas as camadas sociais urbanas, resultante de vários fatores (uniões conjugais desfeitas, sobre mortalidade masculina que produz mais viúvas do que viúvos, mães solteiras por opção, gravidez precoce, dentre outros).

Morar sozinho é outra forma de arranjo doméstico crescente em quantidade, ligado a vários fatores: maior autonomia pessoal e econômica dos sujeitos, deslocamentos de adultos em função de oportunidades no mercado de trabalho, emancipação dos jovens e das mulheres, envelhecimento populacional que produz mais viúvas e mais idosas do que idosos, como mostra o elevado número de mulheres morando sozinhas que se concentra, nos grandes centros urbanos, nas idades mais avançadas.

Deve-se portanto relacionar as transformações nos modos de morar com as alterações nas configurações familiares. A noção de família mudou, gerando novos tipos de necessidades para as várias configurações familiares. Constata-se que estas são atendidas só em parte pelo parque imobiliário em Natal. Os produtos que o mercado imobiliário oferece são bastante tradicionais (apartamento com dois ou três quartos, visando famílias nucleares com poucos filhos) e não contemplam novas configurações familiares (famílias com idosos, por exemplo). Cabe, então, a cada família procurar o tipo de moradia que ofereça a melhor combinação entre preço e comodidades

em função de sua composição e de seu estilo de vida. O que aparentemente deixa de fora opções de moradia diferenciadas, como, por exemplo, famílias reconstituídas como vários filhos (os teus, os meus, os nossos) ou famílias de/ou com idosos, onde coabitam varias gerações.

CONCLUSÃO

Ao finalizar o presente trabalho, que tratou da evolução da casa brasileira e da incorporação das noções de conforto, intimidade e individualidade no ato de morar, foi possível demonstrar que as novas tendências do bem morar em Natal reproduzem tanto o padrão tradicional de moradia ligado aos hábitos da classe média e alta, como um padrão emergente de moradia associado ao status social e consumo, muito procurado por essas mesmas classes. Tal padrão pouco tem a ver com as diferentes configurações familiares, gerando questionamento ainda sem resposta quanto às possibilidades de adequação desta moradia aos novos tipos de família.

Sofre influência do *boom* imobiliário que sobrevaloriza determinadas localizações e impõe novos hábitos de moradia, não circunscritos ao espaço residencial: ao adquirir o pacote de opções de lazer e esporte que vai complementar o ato de morar, afirma-se a força do paradigma global, que identifica diferenças de atitudes e comportamentos entre os novos moradores, alimentado pelos sonhos de consumo da classe alta que se torna realidade na compra do apartamento “de grife”.

Os dados coletados em campo permitem afirmar que há, sim, uma nova tendência no bem morar, daí a importância revelada pelo tão propalado espaço gourmet, em Natal. Portanto, o que se propõe é dar continuidade ao trabalho de pesquisa, no intuito de aprofundar a análise das permanências e inovações nos estilos de vida, afim de compará-los com tipos de família e modos de morar em outras realidades urbanas brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 5a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5a.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. 2a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KATZMAN, Ruben; RIBEIRO, Luiz César Queiroz. Metrôpoles e sociabilidade: os impactos das transformações socioterritoriais das grandes cidades. *Cadernos Metrôpole*, n. 20, p. 241-261, 2º. sem. 2008. Disponível em: < web.observatoriodasmetrosoles.net/download/cm_artigos/cm20_32.pdf >. Acesso em: 5 maio 2011.
- LEMOES, Carlos. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.
- NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil: República, da belle époque à era do rádio*. 4a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *História da vida privada no Brasil: República, contrastes da intimidade contemporânea*. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma ideia*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- VALERY, Françoise Dominique. Habitação popular no Rio Grande do Norte. *Revista Projeto*, São Paulo, v. 67, n. 1, p. 24-25, 1984.
- _____. Arquitetura vernacular e produção da habitação popular. *Revista Módulo*, Belo Horizonte, v. n.esp., p. 33-45, 1985.
- _____. *A política habitacional no Rio Grande do Norte e seu impacto nos hábitos de moradia da população da população de baixa renda*. 1986. 444f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- _____. *Gênero e habitação*. Relatório de pesquisa, CNPq, 1997.